

# 1 Introdução

Aos quinze anos de idade, tive, pela primeira vez, contato com um videocassete. Descobri que todos os seriados de que gostava, mas que não podia assistir porque o horário era inadequado às minhas atividades, poderiam, a partir dali, ser gravados para vê-los depois. Minha relação com o tempo começou a mudar!

Aos dezessete anos, chegou à minha casa um grande "elefante beje". Era um computador CP 500, com um corpo enorme, uma tela verde, onde eu adorava jogar "Frog" e "Pac-Man". Pouco tempo depois, meu pai trocou-o por um 286 SX. Eu escrevia e reescrevia muito. Adorava digitar, ler meus textos, imprimi-los, vê-los lindamente compostos sobre as páginas brancas com "picotinho" nas laterais para destacar...

Aos 18 anos, a primeira coisa que comprei ao ficar noiva foi um computador: um 386 SX, que, em pouco tempo, se transformou em 486, 586, depois XP... Poucos anos depois – lembro-me como se fosse hoje – mostraram-me a oitava maravilha do mundo: a Internet. Eu já tinha uma tela monocromática grafite. Foi-me dito "Agora você poderá encontrar qualquer coisa que desejar em qualquer parte do mundo". Eu ainda não entendia o que aquilo significava. Coloquei "Machado de Assis" no buscador da época (Alta Vista) e encontrei artigo sobre ele no Japão e na Grécia. Então, pensei alto: "De que me serve isso se não leio nem japonês nem grego?"

De lá para cá foi um pulo. Realmente não sei pontuar quando me tornei uma usuária convicta da *Web*<sup>1</sup>, só sei que ela foi entrando em minha vida e se tornando parte dela como assistir à TV, ouvir uma música, ler um livro, dirigir um carro ou simplesmente pensar. Ela se fez e se faz invisível em minha vida.

É verdade que, desde o início de minha profissão, sempre fui incentivada por pessoas com quem convivía a perceber que a Educação não podia ficar como sempre esteve. Se a sociedade estava mudando, a escola tinha que mudar. Segui

---

<sup>1</sup> O termo Web se refere à rede mundial de computadores. É usado aqui no sentido de entrelaçamento, na navegação na Internet.

os conselhos. Até perdi um bom emprego, pois eu também estava muito a frente de meu tempo e a instituição não entendia minhas iniciativas. Hoje, porém, estou aqui, vendo que não navego sozinha neste barco nem estou tão à frente assim. Apesar de tudo ainda ser muito novo, há muita gente como eu, tentando também renovar a Educação, dar um sentido real a ela diante das exigências dos novos tempos. Afinal, já vivemos mergulhados em uma Cultura Digital. A escola, no entanto, parecendo parada no tempo no que diz respeito ao processo ensino-aprendizagem desenvolvido na sala de aula, está se abrindo ainda muito vagarosamente para a demanda da sociedade digital, através do empenho de professores pioneiros que questionam essa lentidão.

Apesar de sempre ter ouvido de colegas, há mais tempo no magistério, que os alunos do presente já não são mais os mesmos que eles tiveram a oportunidade de conhecer no início da profissão, vê-se, hoje, que, devido às reais mudanças na sociedade e com as novas necessidades geradas a partir disso, nosso aluno realmente não é nem poderia ser mais o mesmo. A sociedade mudou. É fato. Se para melhor ou para pior, certamente será um posicionamento que não acrescenta muito frente ao estado das coisas. Parece-me que é necessário, sim, entender que mudanças são essas e o que ela vem gerando no comportamento de nossos alunos que não mais têm a escola como o local – mesmo que enfadonho – onde poderão desenvolver a sua aprendizagem e adquirir conhecimentos, caso queiram ter um futuro promissor.

Percebo que o jovem de hoje não acredita mais tudo o que o professor diz como verdade absoluta. Julga-o e, não raro, condena-o. Ele também não acredita mais que o que se ensina na escola é realmente importante para seu futuro. Muitas vezes, se um determinado assunto lhe chama atenção, ele mesmo busca as informações necessárias para conhecê-lo e esclarecer as suas dúvidas. Diante dessa situação, e com a ajuda de colegas da área de informática, com os quais já trabalhei, busquei auxílio nas mídias digitais, para reintroduzir o meu aluno na sala de aula, transformando-o, inúmeras vezes, em um parceiro e não mais como um aluno numa posição vertical.

Assim sendo, as pequenas experiências que vivi me fizeram tomar conhecimento de um mundo virtual de educadores *blogueiros*<sup>2</sup> e uma cultura digital, que eu jamais poderia imaginar existir. Então, de posse de algumas aptidões técnicas que fui adquirindo com o uso de ferramentas da *Web*, e com uma postura mais crítica e menos ingênua diante das inovações, resolvi conhecer o que esses professores blogueiros ou usuários habituais da *Web* estão propondo em suas aulas e o que estão fazendo para se adaptar aos novos tempos, às novas exigências da sociedade, apesar das limitações institucionais e pressões opostas. Afinal, sabe-se que a integração da *Internet* nas práticas pedagógicas ainda está no princípio de sua história.

- **Questão central e objetivos**

Em busca de referências sobre o uso das mídias digitais no processo ensino-aprendizagem, verifiquei que, em 2008, Belloni<sup>3</sup> mostrou, em pesquisa feita em Florianópolis, que a instituição escolar estudada – particular ou pública, desempenha papel insignificante no processo de democratização da *Internet*, em contrário à pesquisa também citada pela autora realizada no Canadá e em outros países europeus. Aliás, desde 2003, Santos já destacava essa realidade. Em sondagem feita em vinte escolas particulares e públicas de Brasília, percebeu que, enquanto as instituições públicas dependem de políticas de governo – que nem sempre são efetivas –, as particulares informatizam suas escolas muito mais para seduzir a clientela e denotar modernidade do que por intenções didático-pedagógicas.

O grupo de pesquisa *Jovens em Rede* (JER<sup>4</sup>) detecta, em 2009, que os professores ainda temem a *Internet* e pouco sabem usá-la, para estimular o processo ensino-aprendizagem. Enquanto isso, os jovens, independente da classe social, participam de redes sociais, têm blogs<sup>5/6</sup> e fotologs<sup>7</sup>, utilizam MSN<sup>8</sup> e

---

<sup>2</sup> Neologismo criado para designar as pessoas que têm blogs e publicam informações neles. Normalmente os blogueiros usam termos (neologismos também) como “blogar” ou “postar” para indicar a ação de publicar um conteúdo em seu blog.

<sup>3</sup> Informação baseada em texto publicado no *Comunic*, grupo de pesquisa da UFSC: <[http://www.comunic.ufsc.br/artigos/Malu\\_Os\\_jovens\\_e\\_a\\_internet.pdf](http://www.comunic.ufsc.br/artigos/Malu_Os_jovens_e_a_internet.pdf)>

<sup>4</sup> Grupo de pesquisa do Departamento de Educação da PUC-Rio, certificado pelo CNPq, coordenado por Maria Aparecida Mamede-Neves.

<sup>5</sup> São inúmeros os neologismos diante de tantas criações recentes. Optei por utilizar, nesta pesquisa, os termos como são mencionados comumente pelos professores blogueiros. Portanto,

Skype<sup>9</sup>. Identifica-se também que os jovens menos privilegiados – e que em sua maioria não têm computador em casa – acessam a Internet tanto quanto os de maior poder aquisitivo, mesmo que o façam em locais distintos: casas de amigos, *lan houses*, ou escola (embora, na escola, a proporção ainda seja muito pequena – 18,48%) (Mamede-Neves, 2010).

O que percebemos, então, é que o fato de se ter uma maioria de jovens em escolas públicas, vivendo grandes privações financeiras, não ratifica ausência de acesso e alfabetização digital por parte deles. De acordo com Mamede-Neves (2010), “as diferenças encontradas repousaram muito mais nas condições socioeconômicas dos grupos, mas nunca em relação a um possível analfabetismo digital por parte daqueles menos assistidos”.

Enquanto isso, o professor, independente da demanda dos alunos, continua seguindo o seu caminho, exercendo a sua função, sem ter boas condições – nem exigência concreta – de se adaptar às novas necessidades sociais, para atuar na formação dos jovens, a menos que sinta um interesse ou motivação pessoal para isso. Gutierrez (2004) coloca tal questão em sua pesquisa, afirmando que os educadores, apesar de estarem se conscientizando da necessidade das mídias educativas em seu trabalho, ainda a rejeitam por causa dos desafios que trazem e pelas mudanças que provocam em suas atividades.

Entretanto, como há professores que têm esse interesse pessoal e que vêm desenvolvendo projetos inovadores ou mesmo práticas – apesar de ainda tímidas – mais próximas das novas necessidades sociais, urge descobrir o que eles fazem de diferente e como fazem isso. Até porque a inserção da sociedade na cultura digital vem crescendo acintosamente e a escola não pode ficar isolada, negligenciando, na prática, este fato por muito mais tempo.

---

manterei a grafia em blog, em vez de blogue; site, no lugar de sítio; e os demais que não necessariamente já têm uma tradução para a Língua Portuguesa.

<sup>6</sup> Blog: é um site com uma estrutura de atualização rápida e em ordem cronológica. Os criadores/autores de blogs (chamados blogueiros) publicam artigos “posts” com o conteúdo que desejar. (Origem: “Blog” provém de Web + Log, registro, conexão).

<sup>7</sup> Fotolog é um blog de fotos, isto é, um espaço de criação de diário a partir do compartilhamento de fotos.

<sup>8</sup> MSN Messenger é um programa de mensagens instantâneas. O programa permite que os usuários comuns ao programa se comuniquem em tempo real, a partir da criação de uma lista de amigos, que permite acompanhar quando um amigo entra ou sai da rede. Sua característica maior é a comunicação por mensagem de texto, apesar de também poder ser feita por vídeo.

<sup>9</sup> Skype é um software que também permite a comunicação entre usuários cadastrados, em tempo real. Sua característica maior é a comunicação por vídeo, apesar de também poder ser feita por mensagens de texto.

A investigação que fiz, na verdade, é resultado da tomada de consciência dessa realidade dicotômica. Entrando no Mestrado, em contato direto com o grupo de pesquisa JER, conheci a pesquisa que estava sendo desenvolvida sobre *Mestres na Web*<sup>10</sup>. Observando que a “navegação” na Internet dos docentes daquele grupo estudado ainda se mostrava muito aquém da realidade da sociedade atual, resolvi investigar o outro lado: os professores que, na verdade, estão atuando como pioneiros diante dessa nova realidade em que estamos inseridos. Dito de outro modo: diante da minha experiência com as mídias digitais e dos resultados que analisamos no grupo de pesquisa JER, do qual faço parte, comecei a me questionar sobre o oposto do que encontramos e que, na verdade, estamos muito acostumados a encontrar, ou seja, percebi que era necessário analisar o que os professores não resistentes às inovações tecnológicas estão fazendo de diferente na sala de aula atual. Assim sendo, a pesquisa que desenvolvi como centro de minha dissertação tem uma grande ligação com a investigação institucional *Mestres na Web*, de cuja equipe de trabalho faço parte e que chamou profundamente a minha atenção pelos dados coletados no decorrer de sua consecução.

Emergindo, portanto das reflexões apontadas, surgiu, então, a questão disparadora deste trabalho:

- o que podemos aprender com os professores que já têm o diferencial tecnológico?

Tomei como objeto de minha pesquisa a ação de um grupo de professores que não somente já são usuários da Internet e dominam algumas ferramentas da *Web 2.0* como também as utilizam em sua prática pedagógica cotidiana.

Diante da especificidade da questão levantada, norteiei minha pesquisa a partir dos seguintes objetivos centrais:

- Identificar as representações que os professores pioneiros fazem do processo ensino-aprendizagem com o uso das mídias digitais

---

<sup>10</sup> A investigação institucional *Mestres na Web*: representação e significação da Internet por professores de Ensino Médio, terminada em 2009, teve como objeto de estudo a relação do professor de ensino médio com a mídia digital, em confronto com o perfil relacionado também à mídia digital de jovens universitários que foram seus alunos no ensino médio e que se constituíram o foco de atenção da pesquisa *Jovens em rede*, terminada em março de 2008.

- Verificar como esses professores estão vinculando suas atividades na web e seus conhecimentos das mídias digitais à sua prática pedagógica;
- Investigar como os professores pioneiros usam as mídias digitais em sala de aula e a ressonância que esse procedimento tem se mostrado no interesse, na participação e na aprendizagem dos alunos.

Importante ressaltar que a expressão “mídias digitais” é usada nesta pesquisa como sinônimo de TIC (Tecnologia da Comunicação e Informação), sigla tão comum entre educadores e pessoas que lidam hoje com as novas tecnologias. Considero, no entanto, “mídias digitais” um termo mais apropriado, visto que une todos os meios que permitem distribuição ou comunicação digital de conteúdo escrito, sonoro ou visual. Entretanto, nesta pesquisa, o foco está no uso que os professores fazem, principalmente, da Internet.